



**observatório  
universitário**

*Espaços Públicos:  
Violência e Medo na cidade do  
Rio de Janeiro*

*Documento de Trabalho nº 13  
Série Estudos de Políticas Públicas*

*David Morais*

Julho de 2003

---

O **Observatório Universitário**, é um núcleo do instituto **Databrasil – Ensino e Pesquisa**, que se dedica ao desenvolvimento de estudos e projetos sobre a realidade socioeconômica, política e institucional da educação superior.

O **Observatório Universitário** alia, de forma sistemática, pesquisas acadêmicas, multidisciplinares, com a execução de iniciativas voltadas à solução de problemas práticos inerentes às atividades da educação superior. A série *Documentos de Trabalho* tem por objetivo divulgar pesquisas em andamento e colher sugestões e críticas para aperfeiçoamento e desdobramentos futuros.

## ***Observatório Universitário***

### ***Databrasil – Ensino e Pesquisa***

#### **Autoria**

*David Morais*

[dmorais@databrasil.org.br](mailto:dmorais@databrasil.org.br)

#### **Coordenação**

Edson Nunes

Paulo Elpídio de Menezes Neto

#### **Coordenação de Projetos**

Violeta Monteiro

#### **Equipe Técnica**

Ana Beatriz Gomes de Mello Moraes

André Magalhães Nogueira

David Morais

Enrico Martignoni

Helena Maria Abu-Mehri Barroso

Leandro Molhano Ribeiro

Márcia Marques de Carvalho

Vitor Peixoto

Wagner Ricardo dos Santos

**Rua da Assembléia, 10/4208 – Centro**

**20011-901 – Rio de Janeiro – RJ**

**Tel./Fax.: (21) 3221-9550**

**[e-mail: observatorio@observatoriouniversitario.org.br](mailto:observatorio@observatoriouniversitario.org.br)**

**<http://www.observatoriouniversitario.org.br>**

## SUMÁRIO

<b><u>I – Introdução</u></b>	<b>5</b>
<b><u>II – ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS</u></b>	<b>5</b>
<b><u>III – PERFIL DOS ENTREVISTADOS</u></b>	<b>6</b>
<b><u>IV – ESPAÇO PÚBLICO E SEGURANÇA</u></b>	<b>11</b>
<b><u>V – PERCEPÇÕES DA VIOLÊNCIA E SENTIMENTO DE INSEGURANÇA</u></b>	<b>17</b>
<b>1 - OPINIÃO SOBRE O BAIRRO EM QUE RESIDE</b>	<b>17</b>
<b>2 - OPINIÃO SOBRE A CIDADE EM QUE RESIDE</b>	<b>20</b>
<b>3 - PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA</b>	<b>22</b>
<b><u>VI – SITUAÇÕES DE VITIMIZAÇÃO</u></b>	<b>28</b>
RJ/2003	30
<b><u>VII – OPINIÃO SOBRE AS INSTITUIÇÕES POLICIAIS E A JUSTIÇA</u></b>	<b>34</b>
<b><u>VIII – CONCLUSÃO</u></b>	<b>38</b>
<b><u>IX – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u></b>	<b>41</b>
<b><u>DOCS. TRABALHO DO OBSERVATÓRIO UNIVERSITÁRIO</u></b>	<b>43</b>

## I – Introdução

A população residente nos grandes centros urbanos brasileiros tem vivido ao longo das últimas décadas sob o constante espectro da violência e criminalidade. Situação que, paulatinamente, mina as condições de vida e aos indicadores de bem estar da população. Entretanto, nos últimos cinco anos, em maior ênfase, vem somar a essa preocupação, um terceiro ingrediente: o medo. Elemento este, com qual a população passa a conviver em seu dia a dia e coloca em evidência importante questão que é a proteção aos direitos humanos, principalmente a proteção à vida como direito fundamental.

O relatório de pesquisa que apresentamos – Espaços Públicos: Violência e Medo no Rio de Janeiro resulta de uma pesquisa realizada pelo Databrasil – Ensino e Pesquisa e pelo Núcleo de Estudos sobre Segurança e Política Criminal NESPC<sup>1</sup> em maio de 2003, cujo principal objetivo foi auscultar a população carioca no que se refere ao sentimento de insegurança vivenciado pelos cidadãos, nos diversos públicos existentes na cidade, de modo a obter uma visão do problema, mesmo que fotográfica, da percepção do carioca sobre o que se convencionou chamar de violência urbana.

Este trabalho dá continuidade à linha de pesquisa desenvolvida pelo Databrasil, em seus 14 anos de existência, sempre voltados aos estudos sobre a realidade sócio econômica, e política do Rio de Janeiro.

Menções a este tema são encontradas seja sob a forma de perguntas ou blocos de questões inseridas em pesquisas abarcando temas distintos<sup>2</sup>, seja em estudo exclusivo, sob o

---

<sup>1</sup> Este texto faz parte da pauta de trabalhos voltados à análise e sistematização dos dados relativos às políticas públicas de segurança pública, a ser desenvolvida pelo *Núcleo de Estudos sobre Segurança e Política Criminal – NESPC*, do Databrasil – Ensino e Pesquisa, órgão associado à Universidade Cândido Mendes, e contou com apoio de André Magalhães Nogueira na elaboração do questionário, Márcia Marques de Carvalho na parte estatística e Pedro Paulo do Nascimento na supervisão de campo.

<sup>2</sup> Ver a respeito: Databrasil (1992, 1993a, 1993b, 1995a e 1995b.).

título de Os perigos da cidade: moradores do Rio de Janeiro e Niterói falam sobre violência e segurança pública<sup>3</sup>.

Este tema tradicionalmente é focado sob a ótica das análises estatísticas das incidências criminais copiladas pelos órgãos de segurança pública. Também são encontrados estudos sobre essa temática, adotando “surveys” que procuram avaliar, quantitativamente, níveis de vitimização apresentados pela população de determinada região ou cidade .

Nossa intenção nessa pesquisa é não só deslocar o foco de uma caracterização de crimes e criminosos, mas apresentar informações que ajudem a refletir sobre como o cidadão comum reage à violência (real ou potencial) e que implicações existem deste comportamento no que diz respeito à forma como ele percebe a cidade e o bairro onde mora, bem como seus mecanismos de autoproteção.

Essa pesquisa tem como objetivo aferir a sensação de insegurança do cidadão carioca, no seu transitar pela cidade do Rio de Janeiro. Para isso foram escolhidos três tipos de espaços públicos: localizados no perímetro central da cidade, em bairros e favelas.

O relatório apresenta a percepção dos entrevistados sobre a incidência e as causas da violência urbana, além de um quadro de vitimização, a partir das informações sobre ocorrências criminosas vivenciadas pelos entrevistados e suas famílias. Apresentamos também a avaliação que fazem da atuação das instituições ligadas à área de segurança pública no Estado do Rio de Janeiro.

---

<sup>3</sup> Morais e Heringer (1999).

## II – Especificações Técnicas

Local da Pesquisa – Município do Rio de Janeiro

Período de Coleta – 08 a 13 de maio de 2003.

Universo – População residente no município, com 15 anos ou mais de idade,.

N.º de Entrevistas –.Foram coletados 1331 questionários, posteriormente, ponderados segundo sexo e faixa etária da população residente no município do Rio de Janeiro

Procedimento de Coleta – Pesquisa do tipo intercept em locais de grande movimento de pessoas.

Apresentação dos Resultados – tabelas seguida de análise integrada do universo. Os dados também são apresentados em cruzamentos por:espaço público.

## III – Perfil dos Entrevistados

Durante o processo de coleta dos dados procurou-se representar o conjunto da população do Rio de Janeiro em termos de sua composição segundo o sexo e a faixa etária. A distribuição dos entrevistados segundo estas variáveis apresentou-se como se segue.

### Entrevistados segundo o Sexo <sup>4</sup>

	Geral	Centro	Favela	Bairro
Homem	45,8%	55,8%	42,8%	40,8%
Mulher	54,2%	44,2%	57,2%	59,2%

<sup>4</sup> Os resultados dos dados apresentados nesse relatório correspondem às tabulações das respostas válidas, também, podem não totalizar exatamente 100,0%, em virtude do critério de arredondamento das casas decimais realizado pelo software de estatística.

---



---

Total 100,0% 100,0% 100,0% 100,0%

---



---

### Entrevistados segundo a Faixa etária

	Geral	Centro	Favela	Bairro
15 a 19 anos	11,2%	9,2%	12,2%	11,8%
20 a 29 anos	21,9%	26,0%	21,5%	18,9%
30 a 39 anos	19,9%	21,3%	20,0%	18,9%
40 a 49 anos	18,0%	21,0%	19,6%	14,5%
50 a 59 anos	12,5%	12,3%	12,4%	12,4%
60 anos e mais	16,5%	10,2%	14,3%	23,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

### Entrevistados segundo o Estado Civil

	Geral	Centro	Favela	Bairro
Solteiro	41,1%	45,6%	42,0%	36,9%
Casado/amigado	44,1%	42,5%	45,0%	44,8%
Separado/divorciado	6,5%	6,9%	6,1%	6,5%
Viúvo	8,2%	5,0%	7,0%	11,8%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

### Entrevistados se possuem filhos

	Geral	Centro	Favela	Bairro
Não	34,1%	38,4%	28,9%	35,5%
Sim	65,9%	61,6%	71,1%	64,5%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

### Entrevistados segundo o Nível de instrução

	Geral	Centro	Favela	Bairro
Analfabeto / sem instrução / primário incompleto	13,9%	10,8%	20,0%	10,4%
Primário completo /1º.grau incompleto	15,4%	11,9%	20,7%	13,3%
Ensino fundamental completo	22,0%	21,9%	24,8%	19,6%
2o. grau completo	37,0%	40,6%	28,0%	42,7%
Superior completo	10,6%	12,9%	6,3%	12,9%
Pós-graduação	1,0%	1,8%	,2%	1,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

### Entrevistados segundo o termo que melhor descreve a sua Cor

	<b>Geral</b>	<b>Centro</b>	<b>Favela</b>	<b>Bairro</b>
Branco	37,9%	37,1%	33,7%	42,6%
Pardo	37,7%	36,6%	38,0%	38,2%
Preto	18,1%	17,6%	21,5%	15,2%
Índio	2,6%	3,8%	2,3%	1,9%
Amarelo	3,7%	4,9%	4,5%	2,1%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

### Entrevistados segundo com quem mora

	<b>Geral</b>	<b>Centro</b>	<b>Favela</b>	<b>Bairro</b>
Família	85,5%	82,4%	84,7%	88,8%
Amigos	3,0%	3,9%	3,3%	2,0%
Sozinho	11,5%	13,7%	12,0%	9,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

### Entrevistados segundo o tipo de moradia

	<b>Geral</b>	<b>Centro</b>	<b>Favela</b>	<b>Bairro</b>
Casa	69,2%	65,6%	77,2%	64,5%
Apartamento	28,9%	32,5%	20,0%	34,3%
Outro tipo de moradia	1,9%	1,8%	2,8%	1,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Entrevistados segundo se a moradia é localizada perto de alguma favela**

	<b>Geral</b>	<b>Centro</b>	<b>Favela</b>	<b>Bairro</b>
Não	25,6%	31,2%	13,7%	32,4%
Sim	74,4%	68,8%	86,3%	67,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Entrevistados segundo se o lugar onde moram é considerado favela ou não**

	<b>Geral</b>	<b>Centro</b>	<b>Favela</b>	<b>Bairro</b>
Não	68,1%	82,0%	45,9%	78,2%
Sim	31,9%	18,0%	54,1%	21,8%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Entrevistados segundo a renda familiar em abril (em SM)**

	<b>Geral</b>	<b>Centro</b>	<b>Favela</b>	<b>Bairro</b>
Ate 1 SM	17,0%	13,5%	24,6%	12,7%
Mais de 1 SM ate 3 SM	31,1%	29,9%	35,8%	27,4%
Mais 3 SM ate 5 SM	27,2%	26,5%	24,8%	30,3%
Mais de 5 SM ate 10 SM	14,2%	16,3%	10,8%	15,8%
Mais de 10 SM ate 20 SM	7,4%	9,9%	3,0%	9,4%
Mais de 20 SM	3,1%	3,9%	,9%	4,5%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

#### IV – Espaço público e segurança

Neste bloco estaremos analisando as implicações da violência sobre os espaços públicos, entendidos aqui como um espaço “... . protect the rights of user groups. They are accessible to all groups and provide for freedom of action but also for temporary claim and ownership. A public space can be a place to act more freely ... “<sup>5</sup>

No processo de escolha dos locais de coleta de entrevista, de modo a compor as três áreas públicas, do município do Rio de Janeiro, foram escolhidas 20 praças e ruas consideradas como sendo logradouros públicos de grande fluxo de transeuntes, objetivando desse modo cobrir, de forma coerente, as trinta e uma regiões administrativas que compõem a cidade.

O centro da cidade se caracteriza pela impessoalidade e pela frieza nas relações sociais estabelecidas entre aqueles que, cotidianamente, transitam por suas ruas e praças. Tal tensionamento nos contatos entre os transeuntes é devido, em grande parte, pelas complexas redes de interações criadas e mantidas pelos membros das distintas subculturas, que ocupam as ruas e praças do centro da cidade. Nesse ponto, poderíamos apontar como sendo dois os elementos mais importantes no entendimento do por quê do aumento do crime e as taxas de urbanização, são o fato do centro da cidade ser o amálgama de dois mundo: por um lado, o “market place”<sup>6</sup> apontado por Weber, por aglutinar em sua áreas centrais as principais atividades econômicas da cidade, e, concomitantemente, é o mundo dos “estrangeiros”<sup>7</sup>, em função da impessoalidade no trato entre aqueles que trabalham nessas áreas ou por aquelas pessoas que circulam esporadicamente por ele.

No que se refere aos bairros e favelas, estes são locais predominantemente residenciais, nas quais as relações entre os moradores são próximas e menos tensas. Entretanto, nas áreas consideradas de favela, temos a presença de um forte elemento

---

<sup>5</sup> Ver Carr et. alli (1992:19-20).

<sup>6</sup> Weber (1966).

perturbador: a presença do tráfico de drogas, estabelecido em grande número de comunidades que, influenciará negativamente tanto no processo interativo entre os moradores quanto na livre circulação pelos espaços públicos destes locais.

Quanto à questão da violência e do medo nos grandes centros urbanos, muito se tem discutido no campo das ciências sociais a respeito de como produzir indicadores confiáveis de criminalidade. Em qualquer esfera da administração pública brasileira, é fácil reconhecer que não há qualquer sistemática na produção de indicadores, impedindo a análise e a orientação das políticas públicas. Mas os indicadores de criminalidade têm uma relação no mínimo problemática com a produção da sensação de segurança.

A diminuição no número de crimes produziria um aumento na percepção social da ordem pública? Pelo menos nos níveis de incidência criminal que conhecemos hoje, é razoável pensar que seria necessário uma variação bastante acentuada para ser percebida pela sociedade. Isso sem considerar o efeito inercial das experiências, onde por um longo tempo as pessoas teriam a memória de ocorrências desagradáveis. A suposição inversa parece que vai se tornando cada vez mais atraente para os planejadores da segurança pública: um aumento na sensação de segurança poderia ter um impacto significativo na redução dos próprios índices de criminalidade.

Esta é uma hipótese central no programa tolerância zero, exportado a partir de Nova York como solução para a questão da segurança. Reduzindo a visibilidade da desordem, a população resgataria sua auto-estima e, a partir daí, retomaria controle sobre o espaço urbano, diminuindo as possibilidades de entrada numa carreira criminal.

Por trás desta teoria, está um reconhecimento da vinculação desta sensação de segurança com a forma como se estrutura o espaço público. A materialidade da ordem se transformaria em ordem propriamente dita. Produzir segurança – e aqui voltamos aos aspectos não policiais da questão – seria oferecer um espaço urbano ordenado, o que talvez possa ser

---

<sup>7</sup> Simmel (1980).

associado a qualidade de vida. Em vez da ação segregacionista que vinha prevalecendo, expressa em grades e condomínios fechados, uma intervenção de caráter mais amplo oferecendo iluminação, conservação de prédios, presença do poder público que atinja áreas carentes da cidade.

A seguir são apresentados os resultados enfocando a percepção do entrevistado, no que tange a violência cotidiana e seus impactos sobre a livre circulação entre os espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro.

- a) avaliação do entrevistado sobre a violência;
- b) frequência no transitar pelo local;
- c) sentir seguro inseguro ao transitar no local onde foi entrevistado;
- d) sentir seguro inseguro ao transitar pelas ruas e praças do bairro e da cidade .

Preocupação do(a) entrevistado(a) com a violência é:

	Geral	Centro	Favela	Bairro
Muito grande	56,8%	57,0%	53,1%	60,2%
Grande	29,6%	31,2%	30,9%	26,9%
Média	8,6%	7,6%	8,1%	9,9%
Pequena	3,7%	2,9%	6,1%	2,3%
Muito pequena	1,3%	1,3%	1,8%	0,8%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A preocupação com a violência entre os entrevistados é uma questão recente entre os residentes na cidade do Rio de Janeiro, pelo contrário é tema candente e recorrente, com uma longa história no cotidiano do carioca. Em sondagem de opinião realizada em 1992, o grau de preocupação dos entrevistados perfaziam 70,4% de muita preocupação, em relação a preocupação individual com a violência<sup>8</sup>, Hoje os percentuais apresentam valores acima de

---

<sup>8</sup> Ver Databrasil, 1992.

75% em todos os espaços públicos haja vista os resultados dessa pergunta elencados na tabela acima.

Com que frequência, o(a) Sr.(a) costuma passar por aqui, este local ?:

	Geral	Centro	Favela	Bairro
Sempre	57,5%	39,6%	71,1%	58,7%
Freqüentemente	21,5%	26,8%	17,0%	21,8%
Às vezes	12,9%	18,4%	8,7%	12,6%
Raramente	7,8%	15,2%	2,8%	6,9%
Nunca	0,2%	-	0,4%	-
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

De modo geral, os entrevistados apresentam elevado percentual de circulação entre os locais onde foram entrevistadas, a soma das opções freqüentemente e sempre é igual a 79%.

Quando anda por aqui, neste local, o(a) Sr.(a) se sente seguro ou inseguro?:

	Geral	Centro	Favela	Bairro
Muito seguro	2,0%	1,3%	2,2%	2,2%
Seguro	34,5%	21,3%	42,5%	37,2%
Mais ou menos seguro	23,3%	20,5%	22,1%	26,4%
Inseguro	33,3%	45,3%	28,3%	28,8%
Muito inseguro	6,9%	11,6%	4,8%	5,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A insegurança em se movimentar pelo local em que esta sendo entrevistado é patente entre os cidadãos que opinaram sobre esta questão. Um fato chama a atenção, quando o resultado é desagregado por área de coleta: os pontos de coleta localizados em áreas de favela, despontam como sendo os locais de maiores percentuais de segurança para o transeunte

entrevistado, enquanto o centro da cidade assume a frente dentre os espaços mais inseguros na opinião dos entrevistados<sup>9</sup>.

Quando anda por aqui, neste local, o(a) Sr.(a) se sente seguro ou inseguro?, segundo a faixa horária:

	Manhã	Tarde
Muito seguro	2,1%	1,8%
Seguro	37,9%	31,0%
Mais ou menos seguro	24,3%	22,3%
Inseguro	29,2%	37,7%
Muito inseguro	6,6%	7,2%
Total	100,0%	100,0%

O horário de passagem pelo local é importante elemento na construção da percepção da sensação de insegurança pelos entrevistados, conforme demonstra a tabela acima: a parte da tarde do dia é apontada como aquela que mais produz a insegurança, a soma das opções inseguro e muito inseguro perfaz 44,9% contra 35,8% no horário matinal.

---

<sup>9</sup> Durante o período de coleta chegou-se a presenciar por diversas vezes cenas de violência perpetradas contra os transeuntes, como, também, a consumação de um furto de aparelho celular.

Quando anda pelas ruas e praças, o(a) Sr.(a) se sente seguro ou inseguro ?:

	Do Bairro				Da Cidade			
	Geral	Centro	Favela	Bairro	Geral	Centro	Favela	Bairro
Muito seguro	2,3%	3,2%	1,3%	2,4%	1,8%	2,4%	1,1%	2,1%
Seguro	30,0%	26,7%	33,0%	29,7%	10,5%	12,1%	11,5%	8,3%
Mais ou menos seguro	22,8%	25,9%	19,1%	23,8%	17,2%	18,1%	18,8%	14,9%
Inseguro	35,8%	32,5%	38,0%	36,0%	48,8%	44,9%	50,6%	50,4%
Muito inseguro	9,2%	11,6%	8,5%	7,9%	21,6%	22,6%	18,0%	24,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Um dos elementos fundamentais da cidadania, o direito de ir e vir com segurança pela cidade, é colocado sob cheque ao se observar o cruzamento das perguntas “quando anda por aqui, neste local, o(a) Sr (a) se sente seguro ou inseguro” versus “quando anda pelas ruas e praças, o(a) Sr.(a) se sente seguro ou inseguro”, nesse momento a opinião dos entrevistados, quanto ao sentimento de segurança/insegurança se mostra com clareza. Seja qual for o espaço público de coleta, bairro ou cidade, a opção se sentir inseguro é a mais apontada 35,8% e 48% respectivamente.

A soma de inseguro mais muito inseguro aponta respectivamente 45% para os espaços públicos nos bairros e 70,4% na cidade. Essa percepção, corrobora mais uma vez, a idéia de que o desconhecido – a cidade – é mais inseguro que o conhecido – o bairro.

A distribuição da sensação da insegurança do entrevistado em transitar por estas áreas – centro e bairro – segundo a faixa horária, apresenta resultados interessantes: no bairro a diferença entre o horário matutino e o da tarde não ultrapassam 50% no sentir-se inseguro – 43,2% pela manhã e 46,8% à tarde. No entanto, quando os espaços públicos são localizados nas áreas centrais da cidade, a situação sofre considerável alteração; nas duas faixas horárias os valores ultrapassam 60% de insegurança, com ênfase no transitar pelo horário da manhã – 73,1% pela manhã e 67,8% à tarde.

Podemos considerar que tais atitudes por parte dos entrevistados, implicam em última instância da necessidade por parte das autoridades governamentais, de uma maior atenção, no sentido de se estabelecerem propostas políticas públicas voltadas para a revitalização dos espaços públicos mais degradados da cidade.

## **V – Percepções da violência e sentimento de insegurança**

Neste bloco buscou-se analisar as percepções que os moradores do Rio de Janeiro possuem do bairro e da cidade em que vivem, comparando-as com a imagem que têm sobre a incidência da violência em diferentes áreas da cidade.

De modo geral, persiste entre os moradores do Rio de Janeiro a satisfação com os bairros onde moram, embora considerem a cidade como um todo violenta. O contraste entre estas visões fica ainda mais perceptível se observamos que os bairros identificados como violentos são sempre o “outro” bairro, e não onde se reside.

As implicações destas visões não devem ser negligenciadas. A população pode levar a adotar comportamentos mais ou menos agressivos em função da sua sensação de insegurança, contribuindo potencialmente para o aumento dos já complexos problemas ligados à segurança pública nestes municípios. Além disso, a percepção da cidade ou de determinados bairros como violentos pode ter como consequência uma progressiva desvalorização e privatização do espaço público, na medida em que crescentes áreas da cidade passam a ser vistas como “vetadas” à circulação de determinados indivíduos.

### **1 - OPINIÃO SOBRE O BAIRRO EM QUE RESIDE**

Este bloco compreende as opiniões dos vários grupos de entrevistados sobre questões relativas a sua área residencial. São destacados vários aspectos e, sobre cada um deles, são assinaladas diferenças e similaridades.

Um conjunto de questões apreendem, no geral:

- a) avaliação do entrevistado sobre o bairro;
- b) o desejo de mudança para outro bairro na mesma cidade;
- c) motivo para mudar do bairro;
- d) bairro desejado para morar
- e) nível de violência existente no local de moradia.

A seguir, os resultados de cada questão apresentada aos entrevistados.

Na sua opinião, morar no seu bairro é:

	RJ/1999	RJ/2003
Ótimo	18,8%	13,9%
Bom	48,9%	42,6%
Regular	23,6%	29,1%
Ruim	4,5%	6,3%
Péssimo	4,3%	8,1%
Total	100,0%	100,0%

A satisfação, apontada na pesquisa de 1999, em residir em seu bairro não mais é considerada tão satisfatória pelos respondentes desse questionário. Observa-se o crescimento das faixas negativas de avaliação, bem como o decréscimo nas opiniões favoráveis ao seu bairro<sup>10</sup>.

Se pudesse, gostaria de morar em outro bairro ?

	RJ/1999	RJ/2003
Não	65,0%	50,8%
Sim	35,0%	49,2%
Total	100,0%	100,0%

Do mesmo modo, percebe-se na comparação entre as duas pesquisas a ascensão clara da vontade em se transferir do atual bairro para outro na cidade.

<sup>10</sup> Em dezembro de 1992, sete entre dez entrevistados avaliavam positivamente o bairro onde viviam  *muito bom* ou  *bom* para morar, conforme Databrasil(1992).

### Bairro onde desejaria morar

	RJ/1999	RJ/2003
Barra da Tijuca	10,3%	8,0%
Méier	8,6%	5,3%
Tijuca	5,2%	3,9%
Campo Grande	4,5%	6,7%
Urca	4,1%	3,0%
Copacabana	4,1%	7,7%
Ipanema	3,9%	4,4%
Bangu	2,9%	0,8%
Ilha do Governador	2,8%	2,4%
Leblon	*	5,0%
Jacarepaguá	*	4,5%
Outros	53,6%	48,3%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

\* Não fizeram parte do grupo de bairros mais citados em 1999.

No que se refere ao futuro bairro, almejado pelo entrevistado, observa-se algumas surpresas. A comparação dos resultados entre o resultado das duas pesquisas, o bairro da Barra da Tijuca continua a ser, na pesquisa de 2003, o principal objeto de desejo dos entrevistados. Entretanto, bairros que anteriormente não ocupavam postos de destaque na pesquisa de 1999, nesta assumem papel de destaque, é o caso do bairro de Copacabana, pulando da sexta colocação para a segunda posição, O bairro do Méier posicionado em segundo lugar cai para terceiro, vindo a seguir o bairro do Leblon, que não constava da relação dos mais citados em 1999.

### O Sr (a) diria que a violência em seu bairro é:

	RJ/1999	RJ/2003
Muito grande	14,6	31,4%
Grande	18,0	31,2%
Média	36,7	24,6%

Pequena	22,2	11,5%
Muito pequena	8,4%	1,4%
Total	100,0%	100,0%

Mesmo observando a existência de um alto percentual de aprovação do bairro de residência por parte dos entrevistados (56,5% entre bom e ótimo) e a existência do empate percentual entre aqueles entrevistados que não apresentam o desejo de se mudar para outro bairro em relação àqueles que o afirmam desejar, destacamos o crescimento da percepção da existência de um nível de violência grande e muito grande na ordem de 62,6%<sup>11</sup>.

## **2 - OPINIÃO SOBRE A CIDADE EM QUE RESIDE**

O segundo conjunto de opiniões dos vários grupos de entrevistados compreende questões relativas à cidade de residência. São destacados vários aspectos e, sobre cada um deles, são assinaladas diferenças e similaridades.

Um conjunto de questões apreende, de maneira geral:

- a) a avaliação do entrevistado sobre a cidade;
- b) o desejo de mudança para outra cidade;
- c) cidade onde desejaria morar;
- d) nível de violência em sua cidade.

A seguir, os resultados de cada questão apresentada aos entrevistados.

---

<sup>11</sup> Essa mesma pergunta em 1992 apresentou um percentual de apenas 28,5% dos entrevistados apontando como *grande* e *muito grande* a violência no bairro.

**Na sua opinião, morar na sua cidade é:**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Ótimo	17,4%	12,4
Bom	37,7%	36,6
Regular	23,6%	27,4
Ruim	9,4%	7,3
Péssimo	11,9%	16,3
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

A cidade do Rio de Janeiro, para 49% dos entrevistados, ainda continua sendo um bom/ótimo lugar para se morar, valor inferior 6,1% menor do encontrado para a pesquisa realizada em 1999.

**Se pudesse, gostaria de morar em outra cidade ?**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Não	60,3%	44,7%
Sim	39,7%	55,3%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Tal qual na questão sobre o desejo em se mudar de bairro, trocar a cidade do Rio de Janeiro por uma outra é clara entre os entrevistados, ao apontarem 55,3% como sendo sim o fato de se pudessem mudaram de cidade.

**Cidade de preferência dos que gostariam de se mudar**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Minas Gerais	17,1%	20,5%
Interior do RJ	13,8%	26,8%
Espírito Santo	7,5%	1,8%
Bahia	5,8%	4,2%
São Paulo	5,7%	3,3%
Paraná	5,4%	4,1%
Outros	44,7%	39,3%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

O Estado de Minas Gerais, continua a ocupar a posição de principal pólo atrativo para aqueles desejosos de se mudarem do Rio de Janeiro ênfase em sua capital Belo Horizonte. Em segundo lugar temos aqueles que preferem continuar

morando no Estado do Rio de Janeiro, mas em outra cidade, a área que mais atrai os entrevistados passa a ser a Região Serrana, suplantando a Região dos Lagos no imaginário da população carioca .

### **3 - PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA**

A percepção do entrevistado sobre a violência em sua cidade é o tema principal deste bloco de perguntas. São destacados vários aspectos e, sobre cada um deles, são assinaladas diferenças e similaridades.

Um conjunto de questões apreende, de maneira geral:

- a) a preocupação com a violência;
- b) bairro mais violento da cidade;
- c) bairro mais tranquilo;
- d) se algum morador da residência sofreu algum tipo de violência;
- e) se o entrevistado sofreu algum tipo de violência;
- f) tipologia das violências sofridas;
- g) mudança na atitude/comportamento devido à violência;
- h) mudanças ocorridas no comportamento;
- i) se conhece alguém que possua arma de fogo;
- j) se o entrevistado possui arma de fogo;
- k) situação do nível da violência nos últimos seis meses;
- l) situação do nível de violência para os próximos seis meses;

A seguir, os resultados de cada questão apresentada aos entrevistados.

**O Sr (a) diria que a violência em sua cidade é:**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Muito grande	51,3%	62,6%
Grande	34,0%	30,7%
Média	12,1%	3,6%
Pequena	1,9%	2,4%
Muito pequena	0,7%	0,8%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Nesses três anos que separam as duas pesquisas aqui arroladas, a opinião do carioca entrevistado tornou-se mais crítica quanto à violência no Rio de Janeiro, passa de 51,3%, em 1999, para 62,6% no quesito muito grande.

**A preocupação do Sr (a) com a violência é:**

	<b>RJ/1999*</b>	<b>RJ/2003</b>
Muito grande	44,3%	56,8%
Grande	34,9%	29,6%
Média	13,5%	8,6%
Pequena	3,2%	3,7%
Muito pequena	0,7%	1,3%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

\* Neste ano, dentre as opções disponíveis ao entrevistado, havia uma denominada "nenhuma preocupação"

É flagrante a preocupação do morador carioca no que tange a violência existente em sua cidade - 79,2% a apontam como muito grande. Dentre estes, o grupo mais preocupado é composto pelos homens, pessoas com idades entre 30 e 39 anos, e os possuidores de maior escolarização.

**Na sua opinião, que bairro é o mais violento da sua cidade ?**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Copacabana	6,5%	1,7%
Tijuca	5,5%	18,9%
Centro	5,4%	3,9%
Jacarezinho	5,0%	1,8%
Cidade de Deus	4,8%	2,3%
Rocinha	4,6%	1,7%
Santa Cruz	4,5%	0,6%
Bonsucesso	3,8%	11,5%
Favela da Maré		4,4%
Rio Comprido		4,4%
Ramos		2,9%
Outros	51,0%	25,3%
Todos	8,4%	19,9%
Nenhum	0,5%	0,7%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Neste ponto, é necessário especificar com maior cuidado o momento em que foram aplicados os questionários para essa pesquisa. No mês de maio de 2003, o bairro do Rio Comprido, foi alçado as primeiras páginas dos jornais, na seção policial, devido ao tiro recebido por uma estudante da Universidade Estácio de Sá em suas dependências, além disso muito se noticiou sobre os constantes confrontos entre grupos de traficantes e policiais na área do Complexo do Alemão.

Dessa maneira, o bairro da Tijuca aparece em primeiro lugar com 18,9% seguido por Bonsucesso com 11,5%. Copacabana, em 1999, tido como o bairro mais violento da cidade, na pesquisa atual .hoje não é mais percebido como sendo violento.

**Na sua opinião, que bairro é o mais tranqüilo da sua cidade ?**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Campo Grande	7,0	3,1%
Urca	6,6	7,8%
Méier	4,3	2,2%
Barra da Tijuca	4,1	3,1%
Ilha do Governador	3,5	2,1%
Bangu	3,2	1,7%
Jacarepaguá	2,7	3,8%
Copacabana		2,4%
Centro		2,1%
Leblon		2,0%
Outros	53,6	45,2%
Nenhum	14,8	24,3%
Todos	0,2	0,2%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Não há como negar a atração exercida pelo bairro da Urca sobre os moradores do Rio de Janeiro, Mais uma vez o bairro ocupa posição de destaque entre os possíveis destinos daqueles cariocas desejosos de mudarem de residência e de bairro. Se em 1999 ocupava a segunda colocação muito próxima do primeiro lugar, nessa nova rodada de perguntas, a Urca coloca larga vantagem sobre Jacarepaguá, 7,8% e 3,8% respectivamente. Fato importante a se ressaltar nessa pesquisa, é a presença do bairro de Copacabana, 2,4%, dentre os locais apontados pelos entrevistados de desejável futuro local de moradia..

**Na sua opinião, qual a principal causa da violência em sua cidade ?**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Desemprego	46,6%	31,8%
Drogas/tráfico	11,1%	15,5%
Desigualdade social	9,1%	13,8%
Educação	7,6%	7,0%
Falta de vontade política	4,4%	14,3%
Quebra dos laços com a família / religião	3,5%	3,7%
Muitas armas	3,1%	0,3%
Falta de policiamento / corrupção	2,9%	4,7%
Outros	11,7%	8,9%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Tal qual na pesquisa realizada em 1999, na percepção da população entrevistada, o desemprego continua sendo, em menor percentual na atual pesquisa, a maior razão para o crescimento do nível de violência. Do mesmo modo, as atividades ligadas ao tráfico voltam a ocupar, em maior proporção, o segundo posto dentre as razões apontadas pelo entrevistados como causadoras da violência na cidade do Rio de Janeiro<sup>12</sup>.

A Região metropolitana do Rio de Janeiro - RMRJ -, apresenta a menor taxa de desocupação entre as demais regiões metropolitanas brasileiras. De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego - PME - realizada no mês de abril, a RMRJ teve a taxa de desocupação de 9,2%, enquanto as demais apresentaram os seguintes percentuais Recife (14%), São Paulo (14,3%), Belo Horizonte (10,5%), Salvador (16,7%) e Porto Alegre (9,8%)<sup>13</sup>. Esses dados se contrapõem à idéia tradicional que advoga ser o desemprego seja o fator preponderante no aumento da violência no Rio de Janeiro<sup>14</sup>.

<sup>12</sup> Em pesquisa realizada em maio de 1995, Databrasil (1995a), apontava com as três mais citadas causas da violência no Rio de Janeiro, a pobreza (42,7%), as drogas (28,2%) e a corrupção (20,3%).

<sup>13</sup> "Em contrapartida, a taxa de desocupação caiu 1,3 ponto percentual na comparação de abril de 2003 com o mesmo mês do ano anterior. A queda atingiu homens (-1,2 p.p), mulheres (-1,4 p.p) e o principal responsável (-1,4 p.p)". IBGE (2003), disponíveis na página <http://www.ibge.gov.br>.

<sup>14</sup> Ver a esse respeito Saporiti e Wanderley (2001)

**Comparando a situação de hoje com seis meses atrás, como avalia o nível de  
violência**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Melhorou	16,9%	5,9%
Ficou igual	47,6%	29,2%
Piorou	35,5%	64,9%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Na avaliação da população entrevistada, a política de segurança pública adotada para o Estado do Rio de Janeiro, implementada pelo governo Rosinha que, na verdade é continuação do modelo adotado pelo ex-governador Anthony Garotinho, até o presente momento, não conseguiu surtir o efeito desejado, qual seja, a diminuição do nível de violência.

Novamente a política de segurança pública é criticada pela população, quando avalia o nível de violência na cidade como tendo piorado nos últimos seis meses. Se em 1999, 35,5% opinavam que a situação havia piorado, nesta nova rodada o carioca é mais crítico ao imputar 64,9% de rechaço ao nível de violência na cidade.

**Com relação aos próximos seis meses, avalia que o nível de violência vai**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Melhorar	36,0%	43,7%
Ficar igual	29,5%	23,9%
Piorar	34,5%	32,4%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Por outro lado, em relação às expectativas sobre o nível de violência para os próximos seis meses na cidade do Rio de Janeiro, a população deposita um voto de confiança no trabalho a ser desenvolvido pelo governo. Talvez, em função do atual ocupante da secretaria de segurança ser o ex-governador Anthony Garotinho. A

opção melhoria da situação é avaliada positivamente por 43,7% dos entrevistados<sup>15</sup>.

## VI – Situações de vitimização

Este bloco apresenta informações sobre situações de violência vivenciadas pelos entrevistados. São apresentados os tipos de violência sofrida e a frequência da mesma.

### Na sua casa, alguém sofreu algum tipo de violência ?

	RJ/1999	RJ/2003
Não	64,9%	63,4%
Sim	35,1%	36,6%
Total	100,0%	100,0%

### Tipo de violência que o(a) entrevistado(a) tem mais medo ?

	RJ/2003
Assalto	41,4%
Tiroteio	34,1%
Estupro	4,8%
Violência urbana	2,7%
Agressão física	2,0%
Tráfico	1,9%
Seqüestro	1,6%
Outros	5,4%
Todas	4,7%
Não tem medo	1,4%
Total	100,0%

<sup>15</sup> Novamente, nos reportando a pesquisas realizadas pelo Databrasil em anos passados, observamos ser a opinião da população entrevistada nada positiva quanto a avaliação da segurança oferecida pelos órgãos de segurança pública ao povo carioca. Pois na comparação entre o momento da entrevista e os últimos três meses, apontam que houve uma *piora* (53,2%), enquanto para os entrevistados que consideraram ter a *segurança permanecida igual*, o prognóstico para a situação era definida como *ruim* (67,4%), ver Databrasil 1995b.

Quanto à violência que provoca maior sensação de medo ao carioca, a cada dia cresce o espectro da possibilidade de estar envolvido em uma situação onde possa haver troca de tiros entre os beligerantes. Seja no conflito entre elementos envolvidos com o tráfico, seja entre traficantes e a polícia. O medo de ser assaltado é o principal elemento, mas é visível a importância dada as ocorrências de tiroteio e, pior ainda, a possibilidade de ser alvejado por uma bala perdida.

**O Sr (a) já sofreu algum tipo de violência ?:**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Não	57,2%	64,1%
Sim, uma vez	22,5%	17,7%
Sim, duas vezes	9,6%	8,6%
Sim, de três a cinco vezes	9,2%	6,8%
Sim, mais de cinco vezes	1,5%	2,8%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Observa-se na tabela acima que o problema da revitimização, ou seja, a pessoa ter sofrido sucessivos atos de violência, compreende 18,2% dos entrevistados, inferior ao encontrado na pesquisa de 1999 (20,3%).

Se em 1999 eram os homens, as pessoas com idade entre 40 e 49 anos e com nível superior (63,2%), os maiores grupos de pessoas que informaram terem sofrido algum tipo de violência, esse perfil sofre sensível alteração nessa nova rodada de perguntas. Agora, homens e mulheres apresentam valores similares no que tange a serem vítimas de algum tipo de violência. O grupo passa a apresentar o seguinte perfil: a idade desce para a faixa etária entre 20 e 29 anos; são solteiros; residentes em locais não considerados favelas, mas existindo uma em sua proximidade; com o primeiro grau completo; brancos e renda familiar mensal entre um e três salários mínimos.

### Tipologia das violências sofridas

	<b>RJ/2003</b>
Assalto	84,2%
Tiroteio / bala perdida	3,9%
Violência policial	3,5%
Agressão física	3,2%
Roubo	2,1%
Estupro	1,2%
Outros	2,9%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>

No que se refere à tipologia das violências sofridas pelo entrevistados, sobressaem os crimes de assalto (não especificado) em 83,2% dos casos relatados. A segunda maior violência sofrida tem haver com uma preocupação do carioca nesses, se não for a maior, a possibilidade de ser alvejado por uma bala perdida. E nesse caso, 3,9% dos entrevistados tiveram a infelicidade de sofrerem tal violência. O que chama atenção entre os tipos de agressões sofridas, uma delas, tem relação direta com as próprias autoridades encarregadas de proteger o cidadão, pois 3,5% dos entrevistados afirmaram terem sofrido algum tipo de violência cometido por policiais.

### No seu dia a dia, alguma coisa mudou por causa da violência ?

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Não	54,1%	50,0%
Sim	45,9%	50,0%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Observa-se um crescimento no percentual de pessoas que afirmam terem ocorrido mudanças em suas atitudes e/ou comportamentos devido a violência na cidade do Rio de Janeiro.

Novamente o perfil dos entrevistados é alterado, pois nesse momento incidem com maior ênfase no caso das pessoas com idade entre 20 e 29 anos, segundo grau

completo e ganho mensal entre um e três salários mínimos.

**O que mudou na atitude/comportamento das pessoas (para aqueles que sofreram algum tipo de violência)**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Vive inseguro / tem medo	24,7%	25,2%
Anda mais atento	18,1%	18,1%
Sai menos de casa	13,7%	19,2%
Não sai à noite	9,0%	29,4%
Outros	34,5%	8,1%
Total	100,0%	100,0%

Os dados levantados neste “survey” corroboram a tendência já detectada em diversos outros estudos acerca do crescimento do sentimento de temor da população carioca em circular pelas vias públicas. Esta atitude leva os cidadãos a, freqüentemente, suspeitarem uns dos outros. Ao mesmo tempo, indica a existência de um enfraquecimento do nível de confiança do cidadão em relação às instituições encarregadas de zelar pela segurança pública.

**Mudança ocorridas no comportamento em face da violência (aplicado a todos os entrevistados)**

	R/1999J			RJ/2003		
	Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Presta atenção às pessoas	68,1%	31,9%	100,0%	92,1%	7,9%	100,0%
Evita passar em alguns lugares	65,7%	34,3%	100,0%	85,8%	14,2%	100,0%
Tranca em casa	47,6%	52,4%	100,0%	61,1%	38,9%	100,0%
Não sai à noite	39,1%	60,9%	100,0%	55,3%	44,7%	100,0%
Não usa nada de valor	38,7%	61,3%	100,0%	56,3%	43,7%	100,0%
Esconde dinheiro	30,7%	69,3%	100,0%	50,1%	49,9%	100,0%
Anda armado	3,7%	96,3%	100,0%	4,1%	95,9%	100,0%

Entre as pesquisas de 1999 e a de 2003, observa-se que, em todos os comportamentos analisados, é detectado crescimento nos valores percentuais. Ênfase nos quesitos prestar atenção às pessoas (92,1%) e evita passar em alguns lugares (85,8%). O porte de arma apresenta leve crescimento percentual entre as duas épocas, salta de 3,7% para 4,1%, o que vem demonstrar a explicitação do uso e porte de armas pelo cidadão carioca.

**Conhece alguém que possua arma de fogo ?**

	RJ/1999	RJ/2003
Não	60,6%	61,7%
Sim, duas pessoas ou +	30,4%	26,4%
Sim, uma pessoa	8,9%	11,9%
Total	100,0%	100,0%

**Em sua casa, alguém possui arma de fogo ?**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Não	91,4%	92,4%
Sim	8,6%	7,6%
Total	100,0%	100,0%

**Essa pessoa possui porte de arma ?**

	<b>RJ/2003</b>
Não	27,8%
Sim	72,2%
Total	100,0%

A questão do uso e porte de arma pelo cidadão brasileiro, é novamente motivo de polêmica acirrada na Câmara dos Deputados em Brasília<sup>16</sup>. No momento, tramitam em torno de quinze projetos envolvendo a venda de armas e temas correlatos<sup>17</sup>. Ter uma pessoa do seu círculo de conhecimento que possua arma de fogo é apontado por 38,3% dos entrevistados, valor considerável caso seja contrastado com o percentual daqueles que afirmam possuir em sua casa uma arma de fogo (7,6%). Importante ressaltar que, os entrevistados possuidores de arma de fogo em suas residências, 72,2% afirma possuir o porte de arma. Mesmo sendo uma pesquisa com garantias de anonimato do entrevistado, é provável encontrarmos uma grande omissão dos proprietários de armas, especialmente daqueles detentores de armas ilegais<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Durante a realização da pesquisa de 1999, este tema esta em pauta nas discussões da Câmara Federal.

<sup>17</sup> Veja matérias no Jornal O Globo na semana de 23 a 28 de junho de 2003.

<sup>18</sup> Acreditamos que tal omissão deve-se ao medo em responder algumas perguntas, entretanto não inibiu alguns entrevistados que, fizeram questão de exibir a arma ao entrevistador..

## VII – Opinião sobre as instituições policiais e a Justiça

No último bloco de perguntas, houve preocupação em registrar as opiniões sobre a atuação das instituições públicas voltadas para a área de controle e prevenção da violência e criminalidade, sobre cada uma delas, são assinaladas diferenças e similaridades entre a opinião emitida pelos vários grupos de entrevistados.

Um conjunto de questões apreende, de maneira geral:

- a) o que acha da atuação das Instituições Policiais;
- b) registro na delegacia por parte dos que sofreram algum tipo de violência;
- c) tipologia dos registros;
- d) razões para não registrar ocorrências criminais.

A seguir, os resultados de cada questão apresentada aos entrevistados.

### O (a) Sr.(a) confia na atuação da polícia federal, ou não confia?

	<b>P. Federal</b>	<b>P. Civil</b>	<b>P. Militar</b>	<b>G. Munic.</b>	<b>Justiça</b>
Não	39,6%	48,9%	63,2%	48,6%	43,4%
Sim	30,2%	20,7%	14,2%	23,7%	29,1%
Em termos	30,1%	30,4%	22,6%	27,7%	27,5%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A avaliação negativa das instituições ligadas ao controle e prevenção da

ordem pública no Rio de Janeiro é observada de longa data. Em pesquisa realizada em 1993<sup>19</sup>, os percentuais de desconfiança na atuação da polícia carioca: e no judiciário apresentavam consideráveis valores negativos 63,2% para a Polícia Civil e 70,3% a Polícia Militar e a Justiça recebiam 54,4% de não confiabilidade.

Essas desconfianças perduram até a presente data no Estado do Rio de Janeiro, segundo a população recentemente entrevistada, suas atuações estão indo de mal a pior. Para os entrevistados a mais confiável, mesmo assim com menos de 30% de confiabilidade é a Polícia Federal, vindo a seguir a o poder judiciário. No quesito menos confiável, a Polícia Militar apresenta em primeiro posto, vindo a seguir a Polícia Civil.

A opinião negativa em relação à atuação policial é apontada indistintamente por quase todos os grupos e faixas. Sintomaticamente, é no grupo dos entrevistados residentes em locais considerados como favelas ou tendo uma favela em sua redondeza, onde é detectada a ênfase maior na negatividade dessas instituições.

**O (a) Sr.(a) sabe quem é o Secretario de Segurança do Estado do Rio de Janeiro?**

<b>RJ/2003</b>	
Não	24,6%
Sim	75,4%
Em termos	27,5%
Total	100,0%

---

<sup>19</sup> Ver Databrasil 1993b, nessa pesquisa os partidos políticos aparecem como sendo a instituição com menor credibilidade para os cariocas..

[Qual é o nome dele? (para aqueles que disseram saber o nome).

<b>RJ/2003</b>	
Garotinho	98,7%
Josias Quintal	1,1%
Álvaro Lins	0,2%
Total	100,0%

O Sr (a) registrou queixa na delegacia de alguma violência sofrida ?

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Não	70,7%	20,1%
Sim	29,7%	79,9%
Total	100,0%	100,0%

Quanto ao registro por parte da vítima da violência sofrida junto aos órgãos de segurança pública, observa-se o crescimento vertiginoso das denúncias entre os dois períodos de coleta.

**Violência registrada (para aqueles que sofreram algum tipo de violência)**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Roubo de automóvel	16,6%	-
Assalto	13,4%	85,9%
Roubo	13,0%	3,9%
Assalto à mão armada	13,0%	-
Furto	5,9%	-
Tiroteio / Bala perdida	-	4,3%
Agressão / espancamento	5,9%	-
Estupro / violência sexual	5,9%	4,1%
Furto em automóvel	5,1%	-
Roubo residencial	4,0%	-
Outros	17,2%	1,8%
Total	100,0%	100,0%

Crimes contra o patrimônio constituem a maioria das violências registradas, principalmente, no caso de furto e roubo de automóveis, delitos que necessitam do Registro de Ocorrência caso a vítima deseje ressarcir-se do prejuízo por meio do recebimento do seguro.

Se em 1999 dentre os crimes relatados, aqueles enquadrados na categoria de contra o patrimônio constituíam a maioria dos casos de violência registrados, em 2003 estes delitos são maioria incontestável. Agora, não se tem mais uma desagregação clara dos diversos crimes registrados, sendo relatados sob a rubrica de assalto que, pode abrir uma infinidade de delitos sobre esse nome. Entretanto, surge a rubrica tiroteio/bala perdida, que nos últimos dois anos passou a ser uma preocupação constante no cotidiano do carioca.

**Razão alegada para não registrar a queixa (para aqueles que sofreram algum tipo de violência)**

	<b>RJ/1999</b>	<b>RJ/2003</b>
Não iria resolver nada	53,7%	68,0%
Não achou necessário	12,4%	-
Para evitar represálias	7,3%	12,8%
A violência foi cometida pela própria Polícia	3,7%	-
Por não confia na Polícia	2,0%	-
A delegacia estava longe/demora muito	-	6,1%
Recusa no registro	-	5,8%
Outros	20,9%	7,2%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Mais uma vez é flagrante, e nessa última pesquisa apresentando valores ainda mais expressivos, a reação negativa da vítima, em recorrer à instituição policial no intuito de formalizar a queixa crime, por não acreditar na resolução do seu

problema. Quando o fazem, em sua grande maioria, é por dano de ordem material.

O descrédito na Polícia, enquanto instância de resolução das questões de violência e criminalidade, é elemento recorrente nas pesquisas de vitimização, quando observadas as informações à cerca das razões apresentadas para a negativa do registro da violência sofrida<sup>20</sup>. Nessa rodada de perguntas, surge outro fator complicador para o não registro da ocorrência: o fato da delegacia se localizar em ponto distante ao local da ocorrência do fato e/ou de moradia do cidadão. Não há por parte dos órgãos de segurança a preocupação em explicar ao cidadão que não é exclusividade da Delegacia Policial que atende a circunscrição onde ocorreu o delito, registro de sua queixa. O cidadão pode realizá-la em qualquer outra DP que, posteriormente, seu registro será redirecionado a DP de origem do delito. Acresce-se a essa questão, ser detectada a recusa em registrar a ocorrência por parte do policial<sup>21</sup>, ou mesmo à própria burocracia existentes nesses locais.

## VIII – Conclusão

As informações levantadas a partir desta pesquisa revelam um quadro preocupante no que diz respeito à percepção dos habitantes do Rio de Janeiro sobre a violência na cidade, bem como em relação à avaliação que fazem da atuação da polícia, que deveria ser a instituição responsável pela proteção dos cidadãos, e não fonte de insegurança e descrédito para os mesmos, como ficou demonstrado através do posicionamento de grande parte dos entrevistados ao considerarem que a prática

---

<sup>20</sup> Em janeiro de 1993, os entrevistados que sofreram algum tipo de violência, mas não recorreram a polícia, não o fizeram porque não acreditavam na polícia (48,9%) ou não queriam se envolver com a polícia (9,3%), conforme Databrasil (1993a)

<sup>21</sup> Conforme depoimento de entrevistados.

da polícia contribui para o aumento da violência.

É importante destacar que as percepções negativas sobre a cidade e, em alguns casos, sobre o bairro em que se vive, trazem conseqüências concretas para a vida dos moradores, traduzidas em mudanças de comportamento e em medidas específicas destinadas a uma maior autoproteção. Estas medidas em geral consistem em prestar mais atenção às pessoas, um maior medo ao sair às ruas: andar mais atento; evitar certos lugares; ou mesmo atitude extrema de não mais sair à noite.

O que devemos considerar, porém, é que estas atitudes preventivas, à medida que cresce a sensação de insegurança, podem vir a dar lugar a comportamentos mais ostensivos de caráter repressivo e/ou reativo, que só farão agravar o quadro já complexo da segurança pública: um exemplo dessa situação é o acelerado crescimento dos serviços de segurança privada e monitoramento por satélites de veículos, o porte de arma (legal ou ilegal), a reação violenta a situações adversas do cotidiano.

A motivação para a adoção de medidas deste tipo possui um fundamento de ordem subjetivo, associado ao sentimento generalizado de insegurança, presente em todos os segmentos sociais, mas também corresponde à existência de ameaças reais. É considerável o número de casos em que os entrevistados expressam o medo de estarem em locais sujeita a ocorrência de tiroteios ou mais explicitamente: o medo da bala perdida. A grande maioria relatou casos de assaltos, em sua acepção genérica (85%), percentual que, acreditamos, estarem incluídos em sua maioria os crimes contra o patrimônio. Diante deste quadro, é importante observar que o sentimento de insegurança da população não é destituído de fundamento, embora nem sempre seja possível estabelecer uma correspondência imediata entre os locais de maior incidência de crimes e os locais avaliados como mais violentos pela população.

As medidas de auto-proteção em geral são tomadas por conta própria e estão relacionadas principalmente com o descrédito da população em relação à atuação

dos órgãos de segurança pública. Coloca-se aqui mais uma vez a necessidade de se analisar e buscar soluções para o grave e recorrente problema do envolvimento de policiais civis e militares em atividades criminosas, corroendo enormemente a legitimidade destes órgãos junto à população.

O medo da violência somente tenderá a diminuir a partir do momento em que houver um fluxo confiável de informações da polícia para a comunidade: uma análise dos dados sobre os padrões e tendências da criminalidade local e quais as medidas mais adequadas para preveni-las, supondo assim maior capacidade de autoproteção da população. E, principalmente, um maior empenho por parte dos órgãos de segurança pública em mudar a percepção da população quanto à atuação da polícia, de modo a ser vista pelos cariocas como um órgão legítimo e confiável, o que desembocaria no incremento da obediência generalizada à lei, inclusive por parte dos policiais que a violam.

## **IX – Referências bibliográficas**

CARR, Stephen et. alii. 1992. **Public Space**. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

DATABRASIL. 1992. **Sondagem Mensal de Opinião** n ° 7. Rio de Janeiro, Dezembro.

DATABRASIL. 1993a **Sondagem Mensal de Opinião** n ° 8. Rio de Janeiro, Janeiro.

DATABRASIL. 1993b **Sondagem Mensal de Opinião** n ° 16. Rio de Janeiro, Setembro.

DATABRASIL. 1995a **Opinião & Conjuntura** n ° 1. Rio de Janeiro, Maio.

DATABRASIL. 1995b. **Opinião & Conjuntura** n ° 3. Rio de Janeiro, Julho.

IBGE. 2003. **Pesquisa Mensal de Emprego**. Disponível na página <http://www.ibge.gov.br>

MORAIS, David e HERINGER, R. 1999 - "*Os Perigos da Cidade: Moradores do Rio de Janeiro e Niterói falam sobre violência e segurança pública*". **Cadernos de Pesquisa**. Julho, n.º 3, Rio de Janeiro, UCAM / DATABRASIL..

O GLOBO. dias 23 a 28 de junho de 2003.

SAPORI, Luís F e WANDERLEY, Cláudio B. (2001) "*A relação entre desemprego e violência na sociedade brasileira: Entre o mito e realidade*". **Cadernos Adenauer II**, n° 1. **A violência do cotidiano**. São Paulo, Fundação Konrad Adenauer. Pp: 43-74.

SIMMEL, G. 1980. "*The stranger*". In COSER, Lewis A. (ed.) **The Pleasures of Sociology**. New York, Mentor Book. Pp: 235-240.

WEBER, Max. 1966. **The City**. The Free Press.

## Documentos de Trabalho do Observatório Universitário

1. **Agências Reguladoras: Gênese, Contexto, Perspectiva e Controle**, Edson Nunes. *Trabalho apresentado no "II Seminário Internacional sobre Agências Reguladoras de Serviços Públicos". Instituto Hélio Beltrão, Brasília, 25 de Setembro de 2001. Série Estudos de Políticas Públicas, outubro de 2001; também publicado em Revista de Direito Público da Economia, Belo Horizonte, ano 1, n. 2, p. 1-384, abr/jun 2003.*
2. **O Sistema de Pesquisa Eleitorais no Brasil, Seu Grau de Confiabilidade e Como as Mesmas Devem Ser Lidas por Quem Acompanha o Processo à Distância**, Edson Nunes. *Palestra proferida no seminário: "Elecciones en Brasil: sondeos y programas", Fundação Cultural Hispano Brasileira e Fundação Ortega y Gasset, Madrid, 25 de junho de 2002. (texto não disponível)*
3. **Sub-Governo: Comissões de Especialistas, e de Avaliação, Política Educacional e Democracia**, Edson Nunes, Márcia Marques de Carvalho e David Moraes. *Trabalho apresentado no "II Fórum Educação, Cidadania e Sociedade: A Educação como Fator de Desenvolvimento Social e Econômico". Fundação Cesgranrio, Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2002; versão revista e final, publicada nesta mesma série, no. 16, sob o título "Governando por Comissões".*
4. **Cronologia de Instalações das Agências Reguladoras**, Catia C. Couto e Helenice Andrade. *janeiro de 2003; incorporado ao relatório final da pesquisa sobre as agências reguladoras nacionais (em elaboração).*
5. **Corporações, Estado e Universidade: O Diálogo Compulsório sobre a Duração de Cursos Superiores no Brasil**, Edson Nunes, André Nogueira e Leandro Molhano, *fevereiro de 2003.*
6. **O Atual Modelo Regulatório no Brasil: O Que Já Foi Feito e Para Onde Estamos Indo?**, Edson Nunes. *Seminário "O Atual Modelo Regulatório no Brasil: o que já foi feito e para onde estamos indo?". Escola Nacional de Saúde Pública - UCAM/Fiocruz, Rio de Janeiro, 18 de março de 2003 (texto não disponível)*

7. **Relação de Agências Reguladoras Nacionais**, Edson Nunes e Enrico Martignoni, março de 2003; incorporado ao relatório final da pesquisa sobre as agências reguladoras nacionais (em elaboração).
8. **Gênese e Constituição da Anatel**, Edson Nunes e Helenice Andrade, março de 2003; incorporado ao relatório final da pesquisa sobre as agências reguladoras nacionais (em elaboração).
9. **O Caso desviante do Ensino Superior Brasileiro: uma Nota Técnica**, Edson Nunes. Palestra proferida na 69ª Reunião plenária do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras – CRUB, Painel sobre os Novos Cenários da Educação Superior: Visão Internacional. Rio de Janeiro, abril de 2003.
10. **Governo de Transição FHC - Lula**, Cátia C. Couto e Helenice Andrade. *Série Estudos de Políticas Públicas*, junho de 2003.
11. **Gênese e Constituição da Aneel**, Edson Nunes e Cátia C. Couto, junho de 2003; incorporado ao relatório final da pesquisa sobre as agências reguladoras nacionais (em elaboração).
12. **Gênese e Constituição da Anp**, Edson Nunes e Helenice Andrade, junho de 2003; incorporado ao relatório final da pesquisa sobre as agências reguladoras nacionais (em elaboração).